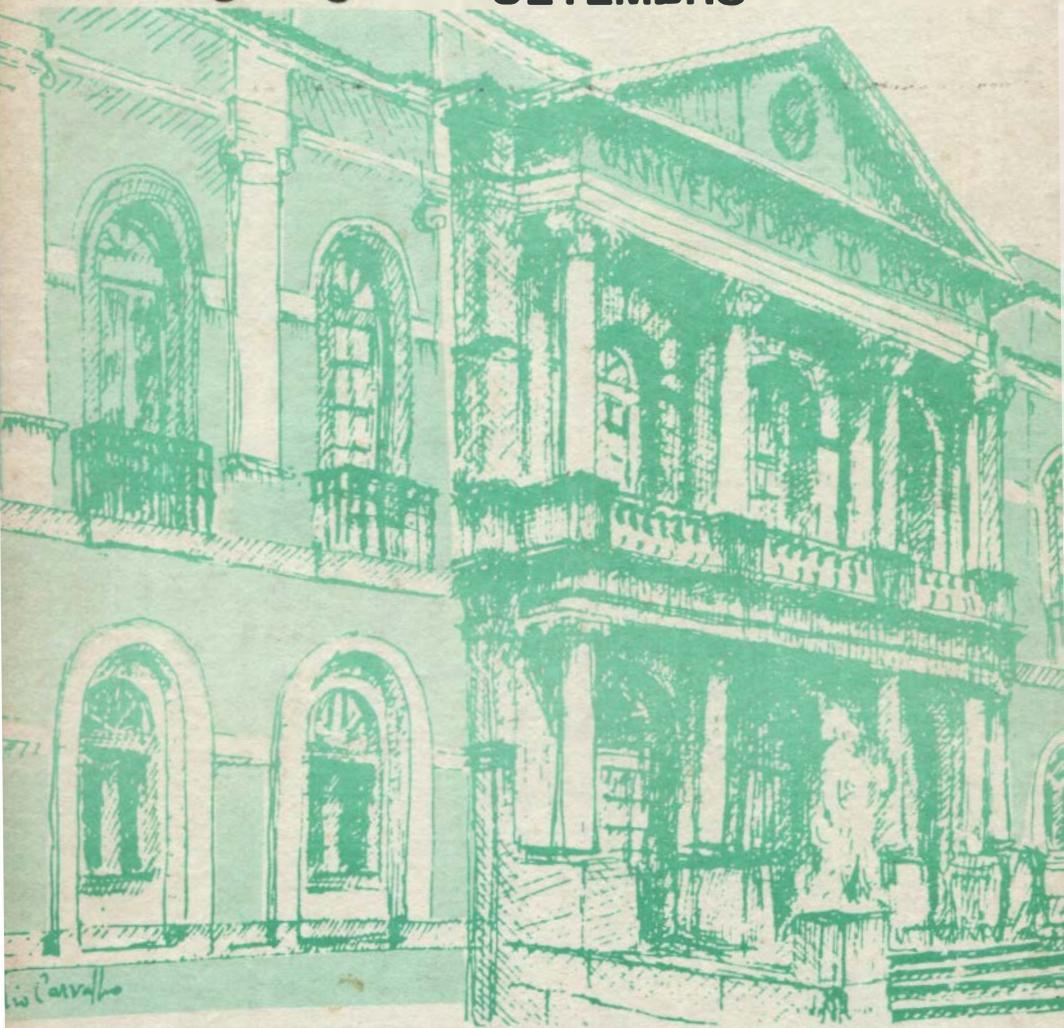


BOLETIM DE CONJUNTURA
INSTITUTO DE ECONOMIA INDUSTRIAL

VOLUME - 8 Nº 3 MÊS - SETEMBRO ANO - 1988



EDITORIAL

VITALIDADE EM MEIO À CRISE

Quando no segundo trimestre de 1987 as vendas no mercado interno despencaram, ao mesmo tempo em que a inflação disparava, o campeonato nacional de previsões negativas atingiu um verdadeiro climax. A quebra em cadeia de empresas, e o completo descontrole inflacionário era o mínimo que se previa para o segundo semestre.

O segundo semestre de 1987 trouxe consigo o Plano Bresser, a cessação da queda dos indicadores reais, e, como todos sabem, a progressiva retomada da inflação. Isto, porém, foi o bastante para retemperar o ânimo cassândrico. A economia teria escapado (aparentemente) ao naufrágio, na ilusão do segundo choque. Mas em 1988 a retração se intensificaria, enquanto a inflação explodiria.

Surda às ameaças, a economia continuou porém (globalmente) estagnada, exibindo mesmo alguns sinais de vitalidade: prosseguia a conquista de mercados manufatureiros no exterior, enquanto a agricultura bisava a safra recorde de 1986/87. Julho e agosto do corrente ano trouxeram contudo uma novidade. À medíocre melhoria das condições gerais da economia (detectada por este Boletim na sua edição de junho) veio somar-se uma reativação industrial que não pode deixar de chamar a atenção. Mais precisamente, se no segundo trimestre do presente ano o produto industrial havia alcançado o índice 121,1 (contra 118,8 no terceiro e pior trimestre de 1987), os meses de julho e agosto elevaram o indicador para uma média de 123,6 (vide tabela 3 na seção Indústria). Numa pala-

vra, a tímida recuperação anterior ganhou impulso, levando a que o índice de agosto superasse em 7,2% o nível alcançado 12 meses antes. Para que se tenha idéia da importância do ocorrido, convém acrescentar que, mantido um ritmo de progressão similar a este, o índice de produção industrial atingiria em dezembro o valor de 128,5 - equivalente ao ponto mais alto atingido durante a vigência do Plano Cruzado. Ou seja, caso isto se verifique, de crise em crise teríamos reconquistado o nível máximo de atividade industrial atingido durante o Cruzado e usualmente referido como artificialmente e despropositadamente elevado.

Voltemo-nos agora para a inflação. Aqui sim as derrotas são irretorquíveis. Dos treze a quatorze por cento mensais de fins de 1987, passamos para os 18 a 19% do início de 1988. Tivemos uma breve calmaria de abril a junho, logo seguida dos saltos de julho e setembro. A aceleração inflacionária é pois, flagrante e permanente. Ocorre, porém, que ela convive, desconcertantemente, com o quadro real positivo anteriormente assinalado. Além disto - e queremos chamar a atenção dos leitores para este fato - no coração mesmo da economia, a incrível velocidade que vem adquirindo a alta de preços procede, ao que parece, em meio a um aparente equilíbrio de preços relativos. Tratemos de caracterizar este fenômeno, para nós uma autêntica surpresa.

Visando detectar a natureza dos reajustes que tenham se dado, com alguma regularidade, acima da inflação - e, por conseguinte, determinando empiricamente a sua aceleração - procedeu-se ao exame, mês a mês, do comportamento dos itens que integram o IPC/FIBGE. O teste revelou não apenas que os preços dos produtos industrializados (um dos 7 grupos em que se decompôs o índice) têm ficado repetidamente atrás da média geral como, sobretudo, que a cada mês os produtos industrializados têm sido majorados, aproximadamente, pela inflação próxima passada. Vide Tabelas 5 a 7 da Introdução.

O imprevisto resultado acima assinalado indica, em outras pala-

bras, que no eixo moderno da economia (os produtos industrializados reúnem os oligopólios privados e pesam 47% do total do índice) impera um sistema de precificação "bem comportado", com sincronização dos avanços nominais. Isto significa, antes de mais nada, que a aceleração inflacionária não decorre do reforço preventivo das margens de lucro, num ambiente de crescente incerteza e, pelo menos no que se refere ao coração industrial da economia, não parece haver provocado dispersão dos preços relativos. Caso se quiser entender a insistente aceleração inflacionária há, por conseguinte, que dirigir o foco da análise para os demais componentes do índice. E pretendendo-se agir sobre a inflação, há que ter em conta o benefício da sincronização dos preços (sempre no que se refere a produtos industrializados). Em outras palavras, estamos à enorme distância do desordenamento de preços verificado por ocasião do colapso do Cruzado. Mais que isto, a altíssima inflação parece haver otimizizado os preços industriais, simulando um equilíbrio (sincronização) que se supõe próprio das hiperinflações.

Não pretendemos ir aqui além do registro destas observações. Sobretudo a de que a economia vem dando nítidos sinais de reativação. Se esta viesse a ocorrer efetivamente, estaríamos diante do segundo processo de reativação (o primeiro deu-se em 1984) detonado pelo saldo comercial, à margem (ou mesmo à despeito) da corrente central da política econômica.

O aprofundamento da crise política bem como uma tentativa desastrosa do controle da inflação, ao impedirem a retomada dos investimentos, seguramente levariam a reativação que presentemente apenas se insinua, a abortar. Por outro, parece-nos que a inflação, enquanto processo econômico, encontra-se, por mais de um ângulo, "madura" para ser eficazmente combatida e vencida.

